

Cartas a um não tão jovem escritor: a correspondência de Josué Guimarães

Prof. Dr. Miguel Rettenmaier¹ (UPF)

Resumo:

Josué Guimarães é dos escritores mais queridos pelo público leitor gaúcho. Muito antes de se dedicar, porém, à literatura e mesmo quando já escrevia ficção, fez do jornalismo sua profissão, exercendo na imprensa várias funções, de cronista a editor. Também atuou na política, embora em curtos, mas significativos, períodos de sua vida. Sua produção literária, contudo, ganha impulso e se consolida quando Josué se aproxima dos cinquenta anos, no momento em que já encontrara, no jornalismo e na política, respaldo por uma vida atuante no que se refere à sociedade de seu tempo. Produziu romances, novelas, contos e literatura infanto-juvenil, tornando-se, nos anos de chumbo da ditadura militar, um dos autores mais lidos na história da leitura do Rio Grande do Sul. Seu acervo, o ALJOG/UPF, sob a responsabilidade da Universidade de Passo Fundo desde 2007, guarda originais, objetos pessoais, publicações na imprensa e, também, a correspondência destinada ao autor. Assim, em comunicação, de posse dessa correspondência, pretende-se, na interpretação às cartas recebidas por Josué Guimarães, refletir sobre a influência que outros escritores, dentre os quais, principalmente, Erico Veríssimo, tiveram em sua obra e sobre a leitura que Josué e que seus amigos escritores fizeram da realidade política da época.

Palavras-chave: Leitura, Acervo Literário, Josué Guimarães, Correspondência

Introdução

A carta parara nesse ponto, Camilo se dera conta de que não sabia onde a filha estava, qual seu endereço, nem mesmo a cidade para onde fora.

Camilo Mortágua, Josué Guimarães

O *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Veríssimo*, idealizado por Maria da Glória Bordini é, possivelmente, a melhor referência sobre a organização do espólio de um escritor. A orientação multidisciplinar que caracteriza a proposta da pesquisadora no tratamento de todos os materiais relacionados a determinado escritor, no caso Erico Veríssimo, encontra-se em um encaminhamento que não se limita à arquivologia. Em uma perspectiva ampla, aponta que o trabalho com acervos literários jamais deve prescindir de:

conhecimentos da área de Letras, como os provenientes da teoria, da história e da crítica literária, da ecdótica e da crítica genética, inter-relacionados com os de outros domínios do saber, como o das ciências da História, da Artes Visuais, da Sociologia e da Editoração e Comunicação Social. (BORDINI, 1995, p. 5)

Nesse sentido, após alertar sobre a complexidade do trabalho com os resquícios materiais da vida de um autor, as orientações do manual procuram cumprir as necessidades de um pesquisador que tenha a árdua e fascinante tarefa de organizar centenas ou mesmo milhares de itens que fazem parte de um acervo literário. Centrado no espólio de Erico Veríssimo e subdividindo em classes que

envolvem originais, correspondência, publicações na imprensa, esboços e notas, ilustrações, entre outros elementos, o manual escrito por Maria da Glória Bordini informa como devem ser acondicionados os itens nas respectivas classes e, no que se refere ao tema deste trabalho, esclarece sobre o objetivo de se resguardar a correspondência passiva e ativa do autor, o qual que seria:

além de preservação de uma fonte direta de informação sobre o escritor, proporcionar dados à pesquisa sobre a biografia e a produção e a recepção da obra do autor, bem como sobre eventos históricos da vida nacional, especialmente literária, editorial e política, bem como sobre as relações de EV [Erico Veríssimo] no estrangeiro. (BORDINI, 1995, p. 53)

De todas as maneiras, os objetivos relativos à identificação da classe correspondência se prestam aos ambiciosos objetivos deste trabalho, quais sejam, na interpretação às cartas recebidas por Josué Guimarães, refletir (1) sobre a influência que outros escritores, dentre os quais, principalmente, Erico Verissimo, tiveram na obra do autor de *Camilo Mortágua* e (2) sobre a leitura que Josué e que seus amigos escritores fizeram da realidade política da época. Há, contudo, uma pequena objeção de fundamento ético em torno deste trabalho. E ela diz respeito aos limites do pesquisador ao introduzir-se na intimidade do escritor, na privacidade de seu discurso quando dirigido não a um leitor potencialmente indefinido, como o é o leitor de uma obra literária publicada, mas a um leitor específico, com o qual se partilham opiniões, confidências e demais coisas de trato privado. Se a organização de um acervo literário fora da residência do autor, como no caso do ALJOG/UPF, – que detém a guarda do espólio nas dependências da universidade desde 2007 – se a localização da sede do acervo fora do espaço familiar dos herdeiros não deixa de representar uma invasão de terceiros no legado e na memória material de um escritor, o que se dirá da incursão no que não foi publicado, no que era apenas para ser escrito e lido intersubjetivamente, por destinatário e remetentes particulares? O texto literário ficcional, em instâncias narrativas justapostas, em ironias e jogos de linguagem engenhosamente constituídos, em sua condição alegórica e polifônica, torna opacas as relações entre o leitor e o escritor, fazendo complexos os vínculos entre leitura, texto e o sentido. A correspondência, sendo “um discurso sem máscara” (SANTOS, 1998, p. 21), não se constituiria em uma perigosa possibilidade de desmascaramento do autor? Em se tratando de Josué Guimarães, autor que viveu as vicissitudes de períodos de repressão política e que foi um artista dos disfarces e das alegorias de resistência política, eventuais desmascaramentos são pontos sempre decisivos...

1 Correspondência: o discurso sem máscaras em tempos de chumbo

Na obra *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*, Matilde Demétrios dos Santos posiciona-se sobre a importante relação entre correspondência, tempo, sociedade e história. A carta, no dinamismo no qual se estabelecem escrita e leitura, seria, além de uma tentativa de superar distâncias entre duas pessoas, um tipo de comunicação contextualizada, envolvida por um cenário que, em torno dos correspondentes, seria, de pronto, registrado e comentado por eles:

Vistos por esse ângulo, o espacial e o temporal são dados relevantes que permitem ligar a correspondência a um tempo histórico, obviamente sujeito ao domínio e vivência de um indivíduo. Não é História, no sentido da verdade objetiva, mas diz da forma como determinado momento histórico foi vivido. Nesse sentido, uma correspondência afinada com seu tempo contém uma dimensão factual, verídica e documental que pode ser comprovada e afeiçoada, tal como acontece nas autobiografias e memórias. (SANTOS, 1998, p. 24)

A correspondência seria também, por registrar os pensamentos dos correspondentes, testemunhos que permitiriam melhor conhecer as facetas dos indivíduos em diálogo escrito: “Num jogo inter-relacional, acontecem a abertura e o deciframento do remetente, ao mesmo tempo em que se

abrem frestas para o conhecimento do destinatário”. (SANTOS, 1998, p. 22) No caso da correpondência passiva de Josué Guimarães, a qual serve de base para este trabalho, observa-se, seja nas relações dos correspondentes com a história, seja do desvelamento dos indivíduos em sua visão de mundo, que a paisagem política repressora de outrora não impõe mais riscos pessoais na “abertura” e “deciframento” próprios da leitura. Josué e seus amigos, ao pensar alto, contudo, punham-se, em seu tempo, sob o perigo de um Estado ainda sob a vigência de Atos Institucionais decretados pelos governos militares. Josué Guimarães, aguçado crítico da política brasileira e participante do governo deposto de Jango, como diretor da Agência Nacional, era figura conhecida das alas duras do comando do Estado burocrático-autoritário militar. Graças à participação política de toda uma vida, após o golpe de 1º de abril de 1964, auto-exilou-se em Santos, com a alcunha de Samuel Ortiz, vivendo clandestinamente até 1969, quando foi descoberto pelo regime e submetido a inquérito. Desse tempo em diante, mesmo no lento e controlado processo de distencionamento gradual da ordem pública, permaneceu sempre na alça de mira das forças armadas.

A correspondência de Josué Guimarães, assim, superado esse momento, já sem a ameaça de eventuais retaliações, em um momento em que quase todos os envolvidos desaparecerem e na hora em que a democracia no Brasil parece consolidar-se, mostra-se como um rico manancial para pesquisa. Por ela podemos saber como era viver na e sob a ditadura; por ela podemos sentir, pelas vozes manifestas, como eram a vida e a cultura vividas naquele momento da história. Pelas cartas podemos conhecer os detalhes de vidas particulares sob os grandes acontecimentos nacionais, podemos vivenciar as minúcias rasteiras ao chão da história, cruciais para as pessoas envolvidas, mas desprezadas pela macro-narrativa política do país.

Ainda assim o estudo da correspondência guarda algum contrangimento. Marildes dos Santos observa que “a carta não só diz do remetente, mas abre brechas para o conhecimento do destinatário, expondo-o através de observações, comentários, elogios e críticas daquele que escreve” (SANTOS, 1998, p. 66). Nesse sentido, mesmo que analisemos a correspondência recebida por Josué, na qual não constam palavras suas, estaremos colocando em público o que era reservado... E a pergunta que se faz é: com que direitos, além dos oferecidos pelos herdeiros que confiaram os pertences do autor à pesquisa?

Kellen Benfenatti Paiva, ao estudar as cartas trocadas entre a poetisa Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade, e das missivas escritas a ela por Mário de Andrade e Cecília Meireles, está ciente de que “escrever cartas é uma forma de arquivar-se” e que a correspondência escrita é “uma objetivação da alma”, (PAIVA, 2006, p. 28). O estudo, contudo, se depara com a dificuldade de se dar uma constituição pública ao que é privado:

Ao analisar a correspondência de um escritor, deparamo-nos com informações e confissões reveladoras da personalidade e da vida daquele que escreve, bem como de seus pensamentos e opiniões sobre os diferentes assuntos e sobre fatos ocorridos na sociedade em que viveu. Atualmente, é amplamente reconhecido o valor da correspondência para os diferentes campos do saber, daí encontrarmos estudos diversos que partem do objeto “correspondência” para discutir questões que envolvem a filosofia, a história, a literatura, a lingüística, as artes plásticas, a música, entre outras. Contudo, uma questão parece não querer calar quando o assunto é o estudo das cartas guardadas nos arquivos pessoais: a quem pertencem tais artefatos? (PAIVA, 2006, p. 31)

Embora protegida mesmo por uma normalização jurídica, é inegável que a correspondência trocada entre autores apresenta contribuições valiosíssimas, que não poderiam, resguardadas questões éticas e preservadas as pessoas, deixar de ser de alguma maneira objeto de investigação. É o que as posições de Kellen Benfenatti Paiva buscam respaldar:

A questão central na discussão do uso das cartas no arquivo diz respeito ao conflito de interesses entre o público e o privado. A correspondência privada de um escritor traz informações de interesse público, seja no sentido de conter subsídios para os estudos da literatura, seja por registrar dados sobre o momento histórico a que se referem, embora isso não garanta o livre acesso aos arquivos privados. Mas, sem dúvida, estamos presenciando uma tendência: a reconfiguração dos arquivos pessoais, que têm sido redirecionados do privado para o público à medida que abrem suas portas para a pesquisa, pois somente essa abertura justificaria sua existência e sua preservação. Afinal, para que serviriam os arquivos pessoais de grandes nomes se os documentos não estivessem disponíveis? Não faria sentido preservar um arquivo para conhecimento apenas dos “arcontes” responsáveis pela guarda do acervo documental. (PAIVA, 2006, p. 34)

Como coordenador do ALJOG/UPF e na situação de “arconte”, com o perdão da utilização da primeira pessoa do singular no discurso deste artigo, talvez a resposta a essa questão esteja na ordem de uma opção pessoal: em nenhum momento de minha vida seria capaz de macular quem quer que esteja no círculo afetivo do homem ou da família que, de alguma maneira, ao me conferir a guarda dos pertences de Josué Guimarães, são responsáveis pela melhor parte de minha formação acadêmica, a parte pela qual mais me orgulho. Entre a motivação pela pesquisa e a reserva moral, no que se refere ao autor de *Camilo Mortágua*, minha opção sempre preferirá omitir, resguardar, zelar. E com esse cuidado, vinculado mais à gratidão do que meramente a códigos éticos, apresento meu estudo sobre a correspondência passiva de Josué Guimarães.

2 Cartas ao novo escritor

As missivas estudadas neste trabalho encontram-se entre 1972 e 1983, correspondentes, respectiva e aproximadamente, a dois anos posteriores à publicação de seu primeiro livro, a coletânea de contos *Os ladrões*, de 1970, e a três anos anteriores a sua morte, ocorrida em 1986. Josué iniciou sua vida literária tardiamente e, mesmo depois de tornar-se um escritor bem-sucedido no mercado editorial gaúcho, jamais deixou de exercer a atividade profissional que lhe garantiu sustento por toda a vida, o jornalismo. Nessa atividade, desde a juventude, no Rio de Janeiro, em 1939, na revistas *O Malho* e *Vida Ilustrada*, até o fim da vida, desempenhou inúmeras funções. Foi repórter, ilustrador, diagramador, analista político, correspondente internacional e cronista. Essas duas últimas funções, possivelmente, tenham exercido alguma importância na vida literária de um Josué Guimarães maduro.

Na circunstância de correspondente internacional, foi o primeiro jornalista, em 1952, a cruzar a Cortina de Ferro. Dessa viagem, a serviço do jornal *A última hora*, redundou a obra *As muralhas de Jericó*, censurada na época devido às observações um tanto positivas do jornalista diante do socialismo de então. De alguma forma, essa primeira impossibilidade talvez tenha assinalado ao autor, anos depois, sobre um novo encaminhamento do que se refere às demandas de suas posições políticas: a literatura, em lugar do relato jornalístico, na década de 70, justamente no auge da repressão pós-64 e em meio ao AI-5. Josué Guimarães, embora tenha por algumas oportunidades exercido cargos políticos, era uma ameaça à ordem repressora, principalmente pela força de seu jornalismo. Policiado na imprensa, encontrou, na ficção, novas armas de luta.

Na faceta de cronista, Josué Guimarães, além de assinar com o próprio nome algumas colunas, mascarou-se, por toda a sua vida na imprensa, sob distintas identidades, utilizando-se de pseudônimos. Em 1954, no jornal *Folha da tarde*, em Porto Alegre, passou a escrever sobre política sob a alcunha de D. Camilo. Com esse tipo de mascaramento, chegou ao ponto de criar personalidades que divergiam em opinião a respeito dos mesmos incidentes, em veículos distintos. Foi o caso do pseudônimo D. Peppone, do jornal *Hoje*, que trocava farpas com o D. Camilo, sem que os leitores soubessem tratar-se do mesmo jornalista (IEL, 2006, p. 24) De alguma maneira, nesses jogos de alteridade, exercitava-se o espírito criativo do jornalista que, anos depois, já maduro, viria a ser um

dos mais importantes ficcionistas da literatura do Rio Grande do Sul e mesmo do Brasil. Assim, malgrado o jornalismo tivesse sustentado o homem e sua família, a literatura trouxe-lhe a admiração de ilustres leitores da arte literária brasileira.

Dentre os leitores importantes de Josué, encontra-se Millôr Fernandes. Em 7 de dezembro de 1973, respondendo a uma missiva do autor gaúcho, na qual supostamente era elogiado pelo *Livro vermelho dos pensamentos*, Millôr escreve uma mensagem acima de um desenho com seu característico traço no qual se representa um boneco de braços abertos com um pulsante coração vermelho ao peito. No texto, contudo, mais do que uma superficial troca de gentilezas, há o contraditório manifesto perante o momento histórico da repressão:

Agradeço a tua gentileza a respeito de meu livro, mas não tenho pretensões. Faço profissionalmente as coisas, procuro fazer o melhor possível, mas o negócio é puramente lúdico. Você me diz que eu não devo me dizer “seu admirador”. Quer dizer, só faltava essa. Os amigos me proibirem de admirá-los enquanto a censura, ao inimigos, me impede de esculambá-los. Qué que há. Você tem sido um batalhador, um homem sincero e leal com os amigos. Ao que sei. O que n~ao (sic.) sei não posso descontar dos pontos positivos. Permiti-me admirá-lo? (ALJOG/UPF, 02b61-1973.)

Na mesma referência, de tangenciar na política ao tratar de outro assunto, em 13 de maio de 1977, Carlos Drummond de Andrade posiciona-se sobre a novela a ser lançada *É tarde para saber*, dizendo-se honrado em ter seus versos nas epígrafes da obra e manifestando o desejo de que o livro obtivesse largo público: “é o meu desejo, numa hora como esta em que a única coisa a fazer, como no poema de Bandeira, é tocar um tango argentino. Ou nem isso?” (ALJOG/UPF, 02b0122-1977).

Outro admirador fez-se manifestar por recados escritos em folhas pautadas da Rede Globo de televisão. Otto Lara Resende escreve em 24 de junho de 1977 que sempre via (lia) Josué na *Folha de São Paulo*, qualificando como esplêndida a participação do autor gaúcho no polêmico *Folhetim dominical*, caderno cultural alternativo criado e dirigido pelo passo-fundense Tarso de Castro em janeiro do mesmo ano (ALJOG/UPF 02b097-1977). Da mesma forma, no seguinte 27 de julho, lamenta a impossibilidade do encontro entre eles, Luis Fernando Veríssimo e esposa, ainda referindo que lembrou de Josué ao “ler alguns contos gaúchos de qualidade”. Na pequena carta, há, contudo, mais do que a mera comunicação intersubjetiva afetiva: o texto dá uma noção da realidade material do amigo de Josué Guimarães, não muito distinta, ao certo, da situação dos escritores de seu tempo: “É só dívida! Tenho 4 filhos, o que quer dizer que tenho 128 dentes, só os deles, para pagar; ainda bem que a minha neta é desdentada” (ALJOG/UPF 02b099-1977). Ainda nesse texto Otto Lara posiciona-se sobre um dos importantes episódios que se abateram sobre Josué. Demitido da Jockyman Produções, contratada da TV Piratini, por subversão, em junho de 1977 (ESCRITOR PROIBIDO NA TV, ALJOG/UPF 03c0486-1977), o autor gaúcho conquista a solidariedade de Resende: “E protesto indignado contra sua supressão televisiva” (ALJOG/UPF 02b099-1977).

Na galeria de ilustres leitores, Josué tem outro nome de importância. Trata-se de Jorge Amado, que, em carta escrita em 9 de outubro de 1980, responde ao convite do lançamento de *Camilo Mortágua*, dizendo-se impossibilitado de estar em Porto Alegre, pois em viagem a Senegal, França e Portugal. Jorge Amado já declarara em telegrama sua admiração por Josué após a leitura de *Os tambores silenciosos*, adjetivando-o como “um mestre do romance brasileiro” (ALJOG/UPF 02b0284-s.d.). Em missiva de 1980 confessa a pretensão de ler *Camilo Mortágua* na viagem, ao mesmo tempo em que, em previsão que se comprovaria no futuro, declara: “Sou seu leitor entusiasmado, você sabe disso. E pelas referências da imprensa no Rio, creio que ‘Camilo Mortágua’ é livro muito importante em sua ficção.” (ALJOG/UPF 02b0184-1980).

A correspondência de Josué também possui o registro do incidente envolvendo um famoso escritor e a ABL. Em extensa carta a Josué, que apoiara sua candidatura em artigo jornalístico, o autor narra a decepção posterior à derrota na eleição anterior (para um importante político da época)

e as dúvidas em novamente candidatar-se, embora movido a isso pela insistência de outros acadêmicos. A hesitação do autor em concorrer estava, além de no desânimo pessoal, na possibilidade apresentada por um imortal, em telefonema, segundo o qual se anunciava a possível candidatura de Mario Quintana. A resistência do autor em concorrer, contudo, conforme ele narra, fragiliza-se frente a possibilidade apresentada por outro dos acadêmicos de que um terceiro candidato, aproveitando-se da sua não candidatura, pudesse vencer ao poeta gaúcho na próxima vaga. Por fim, o autor, já decidido, mas “chateado” declara:

Se eu sentir, no meio da campanha para a qual não fui feito, que o M.Q. está com probabilidade (s.i.c) forte de vencer, dependendo apenas de minha desistência oportuna, pode estar certo de que não terei a menor hesitação. (Está claro que isso é entre mim e você e não deve ser dito nem ao próprio Quintana.) (ALJOG/UPF 02b0153-1981)

O próprio Quintana, que jamais venceu na ABL, em outra referência, dois anos depois dessa missiva, a lápis, com próprio punho, propõe a Josué fundar, em sociedade, uma editora:

Velho Josué

Com o capital que arranjei tenho uma grande idéia: fundar contigo outra Nova Aguilar, mas Aguilar legítima, encadernação em percalina, papel bíblia, índice alfabético e remissivo. Além de obras completas: obras singulares, significativas ou raras. (ALJOG/UPF 02b0309-1983)

O poeta, na seqüência, apresenta uma pequena relação de obras como *Literatura e poesia*, de Augusto Meyer, *Cantata*, de Waldir Ayala, *Praia viva* (na realidade, *Praia Brava*) de Marcos Konder Reis, além de uma obra de Ledo Ivo da qual Quintana não lembra o nome. De alguma maneira, a manifestação do poeta mostra seu comovedor amor pela poesia e pela literatura. De vida financeira modesta, injustiçado por jamais ser elevado à condição de imortal, Mario Quintana, mesmo nas menores possibilidades, jamais abandonou o desejo de viver a palavra artística.

Capítulo a parte são as cartas de Erico Veríssimo a Josué e Nídia Guimarães. Quase sempre longas, criativas, as missivas relacionam-se a uma situação de distância por viagem. Três dessas cartas são de 1972, com origem em Paris e na Virginia, nos Estados Unidos, locais por onde transitava o autor de *O tempo e o vento*. A missiva de Paris, de 22 de maio, que identifica o local de origem da carta com jocoso “desculpem, não é?” (ALJOG/UPF 02B0047-1972), refere o frio na França, e as questões sociopolíticas de então. De outra parte, Erico avisa a Josué Guimarães e Nídia: “Na próxima 5ª feira vou assistir na Sorbonne a uma aula de Roland Barthes, que é para mim uma das melhores cabeças da crítica francesa”. A carta termina com um engraçado P.S.: “Corre por aqui o boato que a Lúcia e o L.F. visitaram vocês e que ele falava. É verdade?”

Dos outros dois textos, da Virginia, a primeira é de 6 de setembro de 1972. Nessa carta, a saudade dos amigos se manifesta tanto pela queixa de que à noite ninguém apertava a companhia da porta, quanto pelas narrativas de eventos domésticos, como as aventuras em torno de uma medicação, a qual lhe deixava nos braços soporíferos de um sujeito que Erico nunca lembrava o nome, Orfeu ou Morfeu (ALJOG/UPF 02b0048-1972). Mesmo sob os efeitos dessa medicação, que, segundo ele mesmo, já o acompanhara na escritura de parte de *Incidente em Antares*, o autor mantém uma ativa vida intelectual, lendo Saul Bellow, lendo Georg Steiner, Anaïs Nin, Marleau-Ponty, escrevendo também histórias para crianças de 4 a 8 anos, planejando uma série de histórias para jovens de 8 a 14 anos e imaginando fechar o ciclo dos romances de Porto Alegre, formado por *Clarissa*, *Um lugar ao sol* e *Caminhos cruzados*, com uma obra chamada *A hora do sétimo anjo*. Da mesma forma, escreve sua opinião sobre o primeiro volume da trilogia *A ferro e fogo* de Josué Guimarães: “Quanto a Tempo de solidão, embora a idéia seja boa, não faltará um boi corneta que venha lembrar de Garcia Márquez, só por cauda da palavra solidão, que os quinhentistas espanhóis já usavam.” (ALJOG/UPF 02b0048-1972). Na mesma carta, em ano eleitoral nos Estados Unidos, Erico dá conta da movimentação republicana em torno da campanha de Nixon e da vitória do

“Queixada de burro”. Em outra carta, de 26 de outubro do mesmo ano de 72, novamente a política norte-americana é alvo de suas considerações, em particular focadas na figura de Kissinger e na guerra do Vietnã:

Que figura! Fisicamente é parecido com o Dr. Strangelove, daquele filme sobre a bomba atômica. Fala com um indisfarçável sotaque alemão, que se nota na pronúncia do w com som de v. E aqui estamos nós, torcendo para que cesse essa carnificina estúpida, gratuita e desmoralizante para este país que tanto fala em paz, liberdade e nos antepassados puritanos. (ALJOG/UPF 02b0049-1972)

As seguintes cartas à disposição no Acervo de Josué Guimarães são do ano de 1975, quando Josué Guimarães, como correspondente jornalístico do grupo Caldas Junior, e sua esposa, Nídia, encontravam-se em Portugal. Nesse momento Erico produzia o segundo volume de *Solo de clarinete*:

O segundo volume das memórias vai bem e vai mal. Vai bem porque está sendo feito com o maior cuidado; vai mal porque marcha com excessivo vagar. Sou um pesquisador miserável, faço as pesquisas duas, três, quatro vezes. O material humano das memórias vem da própria memória, da inconsciente e da consciente. Mas preciso reler a história de Portugal, chequear (s.i.c) nome geográficos, situações de províncias, confirmar impressões, etc. Resultado: não saí de Portugal. Verifiquei que minhas raízes portuguesas são mais fortes do que eu imaginava. (ALJOG/UPF 02b0068-1975)

Nessa carta, como já deixara registrado antes em poucas linhas, Erico manifesta-se positivamente sobre a produção literária do filho, Luis Fernando, que, segundo o pai, “engorda mas, em compensação, escreve de vez em quando (muitas das vezes tem de ser futebol) crônicas notáveis” Também elogia o trabalho jornalístico de Josué em Portugal: “Boa qualidade literária e com uma compreensão que não podemos esperar dos correspondentes ingleses, franceses, americanos ou alemães.” (ALJOG/UPF 02b0068-1975) Suas considerações, nessa missiva, estendem-se, então, às questões políticas de Portugal:

Espero que os direitistas não consigam erguer a cabeça. Mas também espero que o país não caia nas mãos dos comunas, que são capazes de durezas salazaristas, embora com finalidades – quero crer – mais nobres ou menos ignóbeis. Tenho a maior simpatia por um movimento decididamente socialista mas dentro d espírito democrático. (ALJOG/UPF 02b0068-1975)

Ao fim da carta, após relatar suas leituras – Elsa Morante e Graham Green – cobra o segundo volume de *A ferro e fogo* de Josué e relata sobre sua saúde, a qual “continua muito bem. Mesmo peso. Mesma pressão. Mesmo *electro*. Mesma vontade de viver.” (ALJOG/UPF 02b0068-1975), tudo isso antecedendo a um desenho de um anjo flautista com grandes asas.

Em 21 de março, Erico escreve novamente a Josué e Nídia Guimarães. Dessa vez dá notícias sobre o arbítrio brasileiro: “Tudo bem nessa casa e arredores. No cenário nacional, algumas prisões. Aqui em Porto Alegre encanaram o Aveline, o José Gay da Cunha (dois excelentes sujeitos) e mais o Bendatti, amigo de L. Fernando.” (ALJOG/UPF 02b0069-1975) A acusação se dera pelo fato de os referidos serem ligados ao “falecido P.C.”. Ao mesmo tempo, em um paradoxo estranho em torno das liberdades individuais, no Brasil há revistas masculinas em disputa de mercado. Uma delas inclusive solicitara a Erico uma coluna mensal. O autor, contudo, confessa a Josué, sobre seu ingresso nessa “corrida erótica”, que “apesar de não ser um escritor ‘respeitável’, não se sentiria muito bem no meio de tanta mulher pelada.” (ALJOG/UPF 02b0069-1975) Nessa carta destaca-se uma preocupação de Erico: “O que quero é saúde para terminar as memórias (saúde e tempo) e depois fazer mais um par de romances, se também me ajudarem engenho e arte, e as coronárias e a arteriosclerose. Amém!” (ALJOG/UPF 02b0069-1975) Em 31 de junho, Erico escreve novamente a Josué relatando da possibilidade de publicação de *Círculo de giz*, pela Globo, uma novela em fase de

escritura pelo autor de *A ferro e fogo*. Há, entretanto, a consciência das dificuldades pelas quais passa a editora: “A verdade é que o governo parece não querer deixar que sossegue uma firma tão importante para a literatura brasileira.” (ALJOG/UPF 02b0070-1975) De outra parte, Erico anuncia para novembro, com atraso de um ano, a publicação do segundo tomo de *Solo de clarineta* e apela a Josué, em letras maiúsculas: “Em nome da sociedade brasileira dos cardíacos anônimos eu te peço que não abuses desse corpo escultural, que te cuides devidamente”. O texto ainda termina dando conta de um importante e raro fato naquele momento da história: o Grêmio dera “um baile” de 3x1 no Inter, em pleno Beira-Rio. (ALJOG/UPF 02b0070-1975).

A última carta de Erico a Josué é de 11 de outubro de 1975, pouco mais de um mês antes da morte do autor de *Incidente em Antares*. Há na missiva um desenho de um anjo que, apontando a para o nome do remetente, exclama: “Coitado! Ainda vou pedir demissão do cargo de seu anjo da guarda.” (ALJOG/UPF 02b0071-1975). O texto tem uma dicção melancólica e aponta para um momento de desinteresse do autor para com a escrita das próprias memórias, as quais, segundo o ele, não teriam previsão de publicação para o ano de 1975. Erico, por outro lado, elogia o título de um romance em fase de produção por Josué, *Os pássaros e os tambores*, que será, posteriormente, chamado *Os tambores silenciosos*, e dá conta da situação econômica brasileira no governo Geisel: “As medidas de economia [e] a alta de preços vão afetar principalmente a classe média, o proletariado e os marginais. Os ricos pagarão mais pelas coisas supérfluas e continuarão na mesma vida.” (ALJOG/UPF 02b0071-1975). Erico confessa que precisa “recuperar o entusiasmo pelo ofício de escrever”, combatido, segundo ele, ao que parecia, pelo uso de algumas medicações. O texto se encerra falando sobre o clima e, de alguma forma, sobre a vida:

O tempo meteorológico tem andado asqueroso: ventanias, chuvas, mudanças bruscas de temperatura – em suma a velha primavera do Rio grande. Quando tiveres tempo, Josué rabisca duas linhas sobre tua saúde e dá-nos notícias sobre a Nídia e as crianças. (ALJOG/UPF 02b0071-1975)

No dia 28 de novembro de 1975, Erico Veríssimo partiria para sempre em outra viagem, da qual não há correspondência nem notícia. E, dessa ausência que certamente esse amigo fez a Josué Guimarães, estabelecem-se as considerações finais deste artigo.

3 Considerações finais: cartas dos que partiram

Os objetivos desse trabalho certamente não foram cumpridos a contento, pois foram muito ambiciosos dentro das limitações adequadas ao artigo. Muito mais poderia ser dito! De alguma forma, contudo, permitiram que se abrissem janelas sobre o teor dos contatos entre Josué e os demais escritores que fizeram parte de seu grupo de correspondentes pessoais. Na linha de uma finalização, porém, outras considerações surgiram, as quais assinalam para o quanto o trabalho com correspondência transita na proximidade com uma perigosa zona de inconfidência. Ao tratar com as cartas emitidas ou recebidas por um autor, estamos de fato quebrando um laço que unia, a princípio, apenas os dois sujeitos envolvidos em torno da mensagem. Nesse sentido, a todo o momento da pesquisa nos deparamos com o receio de levantar ao olhar público o que deveria ser privado. Por outro lado, como desconsiderar o que pensavam e como pensavam figuras importantes da literatura brasileira? Este artigo, em dado momento, omitiu nomes em uma das cartas, da mesma forma como, a partir da leitura das missivas, não tratou de aspectos que poderiam ser talvez irrelevantes por serem por demais reservados. Isso em respeito a Josué, a sua família e às demais pessoas citadas em alguns episódios. Há, contudo, mais um elemento em jogo quando se estuda a correspondência, talvez o elemento mais sublime. É a nossa vitória, malgrado frágil, sobre a morte. Pois todas as cartas aqui registradas, salvo alguma, envolvem pessoas que partiram. E aí, nesse sentido, suas palavras, lidas com o olhar interessado de um admirador, reconfiguram na missiva a ordem de algo que não

percorre a linha horizontal de uma percurso pelos correios, mas a circunstância de algo que chega de cima, que cai nas mãos e faz perceber que mesmo a brevidade da vida pode ser vencida quando a palavra é escrita e vivida com intensidade. Josué e vários de seus amigos, ao trocarem cartas, pensaram, ao que parece, em dialogar, em vencer distâncias, em aproximar-se para vencer o isolamento que a vida às vezes força. Sua importância como intelectuais, como artistas, contudo, fez mais do vencer a distância física: fez anularem-se as próprias impossibilidades do tempo, fazendo de sua correspondência um canal de acesso, pela leitura, entre o passado e o presente. Diferentemente da personagem de sua maior obra, o romance *Camilo Mortágua*, Josué Guimarães e seus amigos jamais se desvincularam - e mais: encontraram leitura em outros endereços, em outras cidades, em outros tempos.

Referências Bibliográficas

- [1] BORDINI, Maria da Glória. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- [2] ESCRITOR proibido na TV. *Coojornal*. Porto Alegre, 21 de jun. 1977.
- [3] GUIMARÃES, Josué. *Os ladrões*. Rio de Janeiro: Forum, 1970.
- [4] AUTORES GAÚCHOS. *Josué Guimarães*. *Escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 2006.
- [5] PAIVA, Kellen Benfenatti. *Histórias de vida e amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília meirelles para Henrique Lisboa*. Belo Horizonte.. Dissertação (Mestrado) —graduação em Letras – Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-6WDQ5H/1/disserta_o_total_1_.pdf. Acesso em: 12 maio 2008.
- [6] SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

Autor

¹ Miguel RETTENMAIER, Prof. Dr.
Universidade de Passo Fundo (UPF)
Mestrado em Letras – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
mrettenmaier@hotmail.com